



Intenção para a evangelização:
**Rezemos para que aqueles que sofrem encontrem caminhos de vida,
deixando-se tocar pelo Coração de Jesus.**

(intenção do Santo Padre confiada à sua Rede Mundial de Oração)

O esplendor da verdade

O Catecismo da Igreja Católica

III O Espírito Santo, intérprete da Escritura

109 Na Sagrada Escritura, Deus fala ao homem à maneira dos homens. Portanto, para bem interpretar a Escritura, é necessário prestar atenção ao que os autores humanos realmente quiseram dizer, e àquilo que aprouve a Deus manifestar-nos pelas palavras deles (cf. DV 12,1).

110 Para descobrir a *intenção dos autores sagrados*, é preciso ter em conta as condições do seu tempo e da sua cultura, os «géneros literários» em uso na respetiva época, os modos de sentir, falar e narrar correntes naquele tempo. «Porque a verdade é proposta e expressa de modos diversos, em textos históricos de vária índole, ou proféticos, ou poéticos ou de outros géneros de expressão» (DV 12,2).

111 Mas, uma vez que a Sagrada Escritura é inspirada, existe outro princípio de interpretação reta, não menos importante que o anterior, e sem o qual a Escritura seria letra morta: «A Sagrada Escritura deve ser lida e interpretada com o mesmo Espírito com que foi escrita» (DV 12,3). O II Concílio do Vaticano indica *três critérios* para uma interpretação da Escritura conforme ao Espírito com que foi escrita (cf. DV 12,3):

112 1. *Prestar uma grande atenção «ao conteúdo e à unidade de toda a Escritura».* Com efeito, por muito diferentes que sejam os livros que a compõem, a Escritura é una, em razão da unidade do desígnio de

Deus, de que Jesus Cristo é o centro e o coração, aberto desde a sua Páscoa (cf. *Lc 24,25-27. 44-46*). «Por coração (cf. *Sl 22,15*) de Cristo entende-se a Sagrada Escritura, que nos dá a conhecer o coração de Cristo. Este coração estava fechado antes da Paixão, porque a Escritura estava cheia de obscuridades. Mas a Escritura ficou aberta depois da Paixão e assim, aqueles que desde então a consideram com inteligência, discernem o modo como as profecias devem ser interpretadas» (Santo Tomás de Aquino, *Expositio in Psalmos*, 21,11).



113 2. *Ler a Escritura na «tradição viva de toda a Igreja».* Segundo uma sentença dos Padres, «*Sacra Scriptura pincipalius est in corde Ecclesiae quam in materialibus instrumentis scripta*» - «A Sagrada Escritura está escrita no coração da Igreja, mais do que em instrumentos materiais». Com efeito, a Igreja conserva na sua Tradição a memória viva da Palavra de Deus, e é o Espírito Santo que lhe dá a interpretação espiritual da Escritura («...*secundum spiritualem sensum quem Spiritus donat Ecclesiae*» [Orígenes, *Homiliae in Leviticum*, 5,5]).

114 3. *Estar atento «à analogia da fé»* (cf. *Rm 12, 6*). Por «analogia da fé» entendemos a coesão das verdades da fé entre si e no projeto total da Revelação.

Notícias para pensar

HOMILIA DO SANTO PADRE FRANCISCO

Domingo do Bom Pastor, 3 de maio de 2020

A Primeira Carta do Apóstolo Pedro, que ouvimos, é um excerto de serenidade (cf. 2,20-25). Fala de Jesus. Ele diz: «Assumindo ele mesmo no seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, para que, mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça; e pelas suas feridas fostes sarados. Porque éreis como ovelhas desgarradas; mas agora fostes reconduzidos ao pastor e guardião das vossas almas» (vv. 24-25).

Jesus é o pastor —assim o vê Pedro— que vem para salvar, para salvar as ovelhas errantes: éramos nós. E no salmo 22 que lemos depois desta leitura, repetimos: «O Senhor é meu pastor: nada me faltará» (v.1). A presença do Senhor como pastor, como pastor do rebanho. E Jesus, no capítulo 10 de João, que lemos, apresenta-se como pastor. De fato, não só o pastor, mas a “porta” por onde se entra no rebanho (cf. v.7). Todos aqueles que vieram e não entraram por aquela porta eram ladrões e assaltantes ou queriam aproveitar-se do rebanho: os falsos pastores. E na história da Igreja tem havido muitos destes que exploravam o rebanho. Eles não estavam interessados no rebanho, mas apenas em fazer carreira, ou política ou dinheiro. Mas o rebanho conhecia-os, sempre os conheceu e ia à procura de Deus pelo seu caminho.

Mas quando há um bom pastor que leva em frente, há o rebanho que vai em frente. O bom pastor ouve o rebanho, guia o rebanho, cura o rebanho. E o rebanho sabe distinguir os pastores, não erra: o rebanho confia no bom pastor, confia em Jesus. Só o pastor que se assemelha a Jesus dá confiança ao rebanho, porque Ele é *a porta*. O estilo de Jesus deve ser o estilo do pastor, não há outro. Mas até Jesus, o bom pastor, como diz Pedro na primeira leitura, «pois também Cristo padeceu

por nós, deixando-nos o exemplo para que sigais as suas pisadas: o qual não cometeu pecado, nem na sua boca se achou engano; o qual, quando o injuriavam, não injuriava, e quando padecia, não ameaçava» (1Pe 2,21-23). Ele era manso. Um dos sinais do bom Pastor é *a mansidão*.



O bom pastor é manso. Um pastor que não é manso não é um bom pastor. Ele tem algo escondido, porque a mansidão mostra-se como é, sem se defender. Pelo contrário, Es más, o pastor é terno, tem essa *ternura da proximidade*, conhece todas as ovelhas pelo nome e cuida de cada uma como se fosse a única, a ponto que, ao chegar a casa depois de um dia de trabalho, cansado, percebe que lhe falta uma, sai para trabalhar outra vez para a procurar e [encontrá-la] leva-a consigo, carrega-a sobre os ombros (cf. Lc 15,4-5). Este é o bom pastor, este é Jesus, que nos acompanha a todos no caminho da vida. E esta ideia do pastor, esta ideia do rebanho e das ovelhas, é uma ideia pascal. A Igreja, na primeira semana da Páscoa, canta aquele lindo hino para os recém batizados: “Estes são os novos cordeiros”, o hino que ouvimos no início da Missa. É uma ideia de comunidade, de ternura, de bondade, de mansidão. É a Igreja que Jesus quer, e Ele salvaguarda esta Igreja.

Este é um domingo bonito, é um domingo de paz, é um domingo de ternura, de mansidão, porque o nosso Pastor cuida de nós. “O Senhor é meu pastor, nada me faltará” (Sl 22,1).

A luz do nosso carisma

OS SERVOS DOS POBRES: UMA ESTIRPE DE MANSOS E HUMILDES DE CORAÇÃO

P. Giovanni Salerno, msp

Nono degrau da humildade

O nono degrau da humildade consiste em o Servo dos Pobres do Terceiro Mundo *“coibir a língua de falar e, fiel à virtude do silêncio, não dizer nada, enquanto não for interrogado, pois a Escritura nos ensina que “falando muito, não se evita cair em pecado” (Pr 10, 19) e que “o homem muito falador não vai bem encaminhado cá na terra” (Sl 139, 12)”*.

Desde que a vida consagrada, para além de ser uma experiência de vida, se tornou também objeto de reflexão e de crítica, nunca houve ninguém que tenha considerado o silêncio como supérfluo ou que já não fosse conveniente ou necessário à vida religiosa. O motivo é evidente, pois isso significaria afirmar que a vida interior é algo de superficial, que se concilia com o ruído e a dissipação. Para poder afirmar que o silêncio não lhe é essencial e congénito, deveria demonstrar-se que a natureza própria da vida consagrada não é aquela que sempre existiu: uma viagem em direção ao interior de si mesmo e à experiência do inefável.

Mais do que uma norma disciplinar e uma práxis ascética, o silêncio tem que ser entendido como um elemento vital, constitutivo da pessoa consagrada e, portanto, do Servo dos Pobres. Dizer “Servo dos Pobres do Terceiro Mundo” equivale a dizer “homem de Deus”, “homem de oração” e, por isso mesmo, “homem do silêncio, da meditação, da solidão”, “homem de poucas palavras”, “homem do essencial”.

Recordemo-nos que três dos doze degraus da humildade são dedicados ao silêncio, e no quarto degrau requer-se o saber calar (*tacita conscientia*). Mas os degraus precedentes pressupõem também uma capacidade de permanecer em silêncio, de fazer calar o próprio eu, de não ter nem a presunção nem a prepotência de se afirmar a si mesmo frente aos demais.

Na prática, o silêncio é muito mais que o simples não falar: é uma fisionomia interior; é algo que dá o tom a toda a vida consagrada, pelo que a pobreza, a obediência e o serviço tem a cor e o rosto do silêncio; e a oração é a substância do silêncio. Com efeito, ¿o que é a oração, e o que é o louvor senão o reconhecer a Deus como primeiro lugar absoluto? Diante de Deus, o nosso eu reduz-se a uma voz que proclama a beleza, a bondade, a santidade d’Aquele de quem tudo provém. Nada é mais fascinante que o assombro gozoso e agradecido do homem humilde que está diante de Deus consciente da pequenez do seu ser. Esta é uma forma autêntica de silêncio.

O silêncio é, então, algo mais do que o calar; é algo que dá cor e sabor a toda a vida; é o rosto do pobre, da vida interior. Por isso faz parte do Servo dos Pobres.

Se o Servo dos Pobres não sente esta exigência com nostalgia, com forte atração, é sinal de que lhe falta algo na sua própria estrutura humana. O tecido humano, com efeito, deve possuir determinados requisitos que o tornam idóneo para “ser” pessoa consagrada. Se alguém não os tem, de forma evidente, no momento de ingressar no Movimento, poderá também manifestá-los um pouco mais tarde, contanto que se deixe conhecer e moldar. O elemento humano, por certo, encontra-se sempre em vias de desenvolvimento; o homem nunca para de se construir; nunca alcança a sua definitiva estatura. Mas há que descobrir com tempo as verdadeiras potencialidades da sua natureza e submeter-las à ação da graça.

(continuação)

Notícias a partir das nossas Casas

Missionários Servos dos pobres

Casa de Formação (Ajofrín – Espanha)

No decurso deste mês de junho, os jovens missionários em formação, presentes na nossa casa de Ajofrín, devem fazer os exames de final de ano. Dada esta situação especial, os exames realizar-se-ão através das modernas plataformas.



irmão Jean Thery (francês)

Já no mês de maio, os dois formandos do último ano puderam concluir os seus estudos com a obtenção do bacharelato em Teologia outorgado pelo Instituto Superior de Estudos Teológicos “Santo Ildefonso” de Toledo. São eles o irmão Jean Thery (francês) e o irmão Erik Domínguez Cardoso (mexicano).



irmão Erik Domínguez Cardoso (mexicano)

Terminados os exames, toda a comunidade iniciará o programa de verão que está a ser adaptado à situação, em contínua evolução, provocada pela emergência do Coronavírus. O primeiro compromisso comunitário será um período de formação missionária, realizado na mesma casa de Formação, que ocupará as três primeiras semanas de julho.

Fomos obrigados a suspender todas as atividades apostólicas previstas para estes meses; o desejo de poder retomá-las o quanto antes estimula-nos a procurar também outros caminhos de evangelização.

Desde meados do mês de junho, e durante todo o período de verão, encontrar-nos-emos semanalmente (nas plataformas digitais) com os amigos italianos para partilhar momentos de oração e as catequeses que tinham sido preparadas para o campo de férias das famílias.

Intenção missionária:

Neste mês dedicado ao Sagrado Coração de Jesus oferecerei o meu rosário diário para que todos os povos possam conhecer e experimentar a sua Misericórdia e também para que os muitos pobres que foram provados, de forma especial, pela crise do coronavírus possam ser ajudadas pelas mãos e pelos corações de muitos jovens que, respondendo ao chamamento do Senhor, doem toda a sua vida ao serviço dos últimos.

